

**SOLIDATÁRIO**  
**E A**  
**PERFORMA-**  
**TIVIDADE**  
**DO**  
**PRECÁRIO**



## **SOLIDATÁRIO E A PERFORMATIVIDADE DO PRECÁRIO**

Começo em uma busca por criar relações com certa multiplicidade presente nas urbanidades. Como gerar fissuras nas segmentaridades duras que constituem as cidades? Como reivindicar o direito às vozes das multiplicidades que habitam essa maquinaria urbana? Como gerar encontros e atravessamentos moleculares dentro dessas solidificações do urbano? Como pensar a distribuição de uma terra coletiva, como construir uma Nova Terra de modo a engendrar planos de composições junto às multiplicidades que ali coexistem? Tais questões atravessam a práxis artística e servem de material para gerar e forçar os pensamentos que atravessam as produções contemporâneas em arte na relação com os contextos urbanos.

Eleonora Fabião (2011), também em conversações com Deleuze e Guattari (1996) e a conceituação prática “Como criar para si um corpo sem órgãos”, propõe uma abordagem para se pensar e criar performances, tendo como força de produção o que a

autora chama de **TEMPORALIDADE DO PRECÁRIO**. Com um cunho político, Fabião afirma que a performance possui em suas operações uma tendência de confrontar as representações e uma valoração da experiência e do corpo. Uma **TEMPORALIDADE DO PRECÁRIO**, por se dar no passageiro e no instável, sempre se faz na distribuição de fluxos mutantes, que se voltam para o ato e para a experiência. É sobre e sob os sedimentos da cidade e em uma relação indissociável entre arte e vida que se dão os agenciamentos em arte contemporânea que vem se produzindo.

As proposições artísticas que são empreendidas se dão em um atravessamento direto com minha rotina diária de relações com a cidade, deslocando e habitando os espaços com meu corpo em ato e experiência. Divido as proposições em dois modos de operação, que se atravessam e se complementam, mas operam de maneiras distintas com o espectador. O primeiro dos modos de operação, chamo de **TEMPORALIDADE DO PRECÁRIO**, inspirado nas propostas de Fabião, e nele as ações performáticas são realizadas enquanto realizo meus deslocamentos de bicicleta, em meu trânsito diário pela cidade, onde a performatividade do corpo acoplado a

outros corpos (bicicleta, mochila, placas, palavras), gestam nos encontros afectos e perceptos que fissuram, mesmo que minimamente, as representações e os modos estabelecidos de habitar a cidade. Corpo acoplado à bicicleta, às mochilas, às cargas que carrego, às placas com alguns dizeres; materiais compostos principalmente de uma materialidade de papelão. Esses corpos acoplados ao meu, geram certa aberração na paisagem da cidade, pois rompe com a racionalidade junto aos modos com que me coloco nesse pedalar acoplado, dos dizeres e das cargas que carrego e da própria precariedade do material utilizado – papelão. O segundo modo de operação foi intitulado de **SOLIDATÁRIO**, e se processa ao agenciar um processo coletivo que se realiza na noção de coautoria entre artista e público. Por meio da participação dos transeuntes e das multiplicidades de forças que habitam os locais de passagem e de trânsito, onde de maneiras diversas, pessoas são convidadas a entrarem em um processo colaborativo e intervirem com seus corpos junto a outros corpos em formatos variados que devem ser dispostas e comporem conexões e desconexões uns com os outros, criando variações na paisagem arquitetural da cidade. Um modo de operação **SOLIDATÁRIO** trata-se

de um processo artístico desinstitucionalizado, por isso solitário; e ao mesmo tempo depende de certa solidariedade do espectador e do artista para que o processo aconteça.

Com relação ao modo de operação da **TEMPORALIDADE DO PRECÁRIO**, a bicicleta, as mochilas e as placas funcionam como “objetos utilitários”, os quais lançou mão diariamente e são elaborados a partir de um material pobre, coletado do lixo, o papelão. O acoplamento deles ao meu corpo gera deslocamentos dentro das representações do vestuário e da paisagem urbana higienizados pelos transeuntes e seus modos de habitação, pelos meios de transporte e seus ritmos e direcionamentos, pelos dizeres e palavras de ordem próprias a este contexto. O corpo em estado de exaustão, que ofega, que transpira e encharca de suor a si, e o papelão dos corpos que compõem tais acoplamentos performam pela cidade.

Meu corpo e o papelão se aproximam, fundem-se peles e papéis, que geram nessa conexão um corpo mutante que contrasta a potência de deslocamento de um corpo que pedala e se movimenta no trânsito da cidade com a precariedade material do papelão. Exploro o

trânsito da cidade, e me aproprio de sua condição para realizar atos performáticos, Tal procedimento cria uma ressonância molecular que atravessa diretamente as segmentariedades molares geradas pela economia capitalista, desloca as macro dimensões de representações do sistema em micro instâncias de encontros e afectos.

No segundo modo de operação que proponho, **SOLIDATÁRIO**, busco uma proposição mutante, onde afectos e preceptos atravessam indistintamente transeunte e artista, coexistindo nas elaborações das experiências realizadas. Por meio da solidão, busco mergulhar solidariamente nas multiplicidades, no coexistir das singularidades e das experiências presentes na cidade. Peter Pál Pelbart (2006) aproxima as ideias de solitário e solidário para falar de seres que caem no buraco negro em busca por novas conexões, novos cosmos; o autor afirma, também, como esses seres sempre atravessaram a filosofia de Gilles Deleuze como aqueles que trazem o sem-fundo e a superfície. Indivíduos solitários e, ao mesmo tempo, que se abrem a agenciamentos coletivos nas superfícies e nos planos dos encontros. Habitar a solidão positiva, de modo que com sua passividade esses agentes esvaziam a mola do sentido:

“(…) que garante a dialética do mundo e põe tudo a correr numa desterritorialização da linguagem, dos lugares, das funções, dos hábitos, ele não foge do mundo, mas faz o mundo fugir. Do fundo de sua solidão, tais indivíduos não revelam apenas a recusa de uma sociabilidade envenenada, porém são um chamamento para um tipo de solidariedade nova, o apelo por uma comunidade por vir” (PELBART, 2006).

Fissurar a segmentaridade da cidade, de sua arquitetura, de seus valores culturais e psicossociais, como afirma Fabião, se dá numa atividade paradoxal, onde não se recusa os valores da tradição, mas cria uma nova estética do precário “e assim dialoga com a tradição (simultaneamente mantendo-a, reinventando-a e abolindo-a)” (FABIÃO, 2011, p. 70). Pensar experiências artísticas com os transeuntes, que convoque as multiplicidades, pensar atos que atravessam as crostas que segmentam as vidas na cidade, novos modos de habitar, novos cosmos de relações: estas são buscas que me guiam na produção artística.

Pensando os agenciamentos práticos propostos na filosofia de Deleuze e Guattari, nas proposições de Eleonora Fabião e na articulação teórica de Pelbart entre

solidário e solitário, proponho os modos operacionais os quais chamo de **TEMPORALIDADE DO PRECÁRIO** e **SOLIDATÁRIO**, para pensar e criar práticas artísticas pautadas em gerar fissuras experimentais nas máquinas estruturantes segmentarizadas da cidade ao passo que agenciam novos coletivos efêmeros. Penso essas operações pautado na noção de experiência em ato e coautoria, onde as relações arte e vida se implicam e os processos artísticos são constituídos em parceria com o espectador/transeunte/artista, engendrando Novas Terras que podem ser habitadas de modos diferenciais e mutantes, junto a ecologias que des-re-territorializam os modos de habitação e também as organizações urbanas.

As ações que proponho, que operam nesse modo **SOLIDATÁRIO**, são as proposições **JOGOS N° 1** e **BIRUTAS N° 1**. Em **JOGOS N° 1** elaboro colagens em placas de papelão, composições abstratas que utilizam basicamente o elemento gráfico linha. Proponho aos transeuntes, que por meio das operações que desejem, elaborem uma “composição”, “organização” com aquele material. As placas que compõem os **JOGOS N° 1** apresentam uma potência de relação por suas formas geométricas e materiais, mais não é claro o modo que

essas relações podem se dar, e é o espectador, coautor que por um agenciamento criativo propõe essa “organização”. Estas placas quando dispostas pelos espaços, criam uma interferência na paisagem, gestando uma possibilidade de habitação, que brota dos espaços de trânsito da cidade. Este convite a habitar, a viver junto por um momento que seja, para gerar agenciamentos criativos em coletivos, micropolíticas do convívio. Em busca de uma nova terra esses agenciamentos **SOLIDATÁRIOS** buscam atravessar as dinâmicas estradificadas dos espaços de encontro da cidade. A proposição dos **JOGOS N° 1** articulam com os princípios da arquitetura, da agrimensura, dos monumentos, demarcando territórios, espaços e tempos novos junto aos transeuntes de modo **SOLIDATÁRIO**, onde forma se esses coletivos efêmeros, que permitem o encontro das multiplicidades presentes na cidade, des-reterritorializam em bando. É na lógica incompleta da operação, que não direciona a operação criativa, que se dá a abertura para que se possa buscar uma ecologia entre os indivíduos que operam a prática. A questão do direito que se dá na ação, surge ao passo que afloram problemáticas nos diferentes modos de operações que esses agentes compartilham dentro destes

processos. Linhas da arte, linhas da vida cotidiana, linhas políticas, ecológicas e etc. O que gera coletivos impossíveis, de multiplicidades, que entendo como contendo certa tonalidade do que denominei agenciamentos **SOLIDATÁRIOS**. O interesse no trabalho é gerar espaço-tempo de encontros, Novas Terras, num sentido em que se opera um deslocamento de consenso do convívio, em busca-se uma outra possibilidade de habitar.

Também na proposição **BIRUTAS Nº 1**, que se agencia dentro do modo de operação **SOLIDATÁRIO**, ocorrem ações que vão explorar as possibilidades de encontros, onde o espectador investiga possibilidades de movimentos do seu corpo em relação com sacolas plásticas e o vento. Os agentes participam ativando seus corpos e o espaço, onde as especificidades físicas e motoras de cada agente, ao ativar-se, soma-se, gerando uma comunidade de “birutas” que habitam esses espaços aéreos. O interesse no trabalho é ativar os corpos por meio da possibilidade de movimento que o vento cria nas sacolas, e dessa maneira criar experiências psicofísicas que vão afetar os transeuntes que participam das proposições e a paisagem urbana que eles constroem em

coletivo durante a ação. Um “balé maluco” que acontece no cuidado do compartilhar do espaço-tempo com o outro, na sutileza de agenciamentos, semelhantes ao das brincadeiras de criança. Busco por meio dessa proposição gerar a possibilidade de agenciamento que entendo com **SOLIDATÁRIO**.

Para que a cidade? Compreendo a cidade como uma complexidade de multiplicidades que estão lidando com estruturas de poder, se relacionando, se afetando, sendo afetadas, se envelopando, em uma terra governada e estratificada pela lógica esquizofrenizante do capitalismo, que segmenta dentro de um processo de unidade e homogeneização, não potencializando as multiplicidades. Lido com a cidade de modo a propor operações artísticas propositivas, instaurando a possibilidade de individuação da multiplicidade que convive nos meios urbanos, onde a individuação de corpos crie uma nova ecologia. Por meio das operações que chamo de **SOLIDATÁRIO**, empreendo um modo de se infiltrar nas estruturas solidificadas da cidade (rua, praças, instituições públicas e privadas), e des-reterritorializar esses espaços para agenciar outras potências de encontro, da experimentação do corpo, do espaço, das relações.

Pelas aproximações das proposições com os espectadores, na relação com o espaço urbano, é preciso destacar que os locais onde são realizadas as ações não são locais específicos de arte e o desejo de trabalhar em tais locais, aposta no potencial de agenciamento dos próprios afetos da cidade, reivindicando territórios. Essa construção territorial é feita junto aos transeuntes que participam das ações, transformando esses locais de passagem que não fomentam afetos e relações de pertencimento em locais de arte. As ações desenvolvem uma des-reterritorialização desses espaços-tempos, onde ele se torna local de encontro e permissivo à relação de discursos sobre a arte e a cidade, promovendo o encontro de diferentes sujeitos que trafegam pelos espaços em que ocorrem as ações. Para além da construção de uma nova relação estética com o espaço, há a construção de uma nova paisagem para o local. Mais fluida e participativa, essa arquitetura vai sendo trabalhada pelos singularidades que operam construindo e modificando as composições dos espaços-tempos com seus corpos, de certa maneira agenciando questões que são congruentes aos processos de organização da cidade e os processos de segmentaridade que compõem seus estratos.

A modificação que tais ações vão criar nesses espaços-tempos influenciam a relação do trânsito, muitas vezes desacelerando a temporalidade dos locais de passagem. As características de locais de trânsito são desreterritorializadas como locais de encontros. Isto porque esses espaços já estavam enquadrados na rotina diária dos transeuntes, não eram mais percebidos em suas singularidades potenciais. Esses agenciamentos de espaços-tempos e matérias possuem características de apropriação e composição com as próprias estratégias do que aqui chamamos urbano: “O território é o primeiro agenciamento, a primeira coisa que faz agenciamento, o agenciamento é antes territorial” (DELEUZE; GATTARI, 1997, p.132).

Trabalhando com princípios de agenciamentos criativos, por meio da presentidade do corpo que se desloca e dos recursos oferecidos pelo meio, a práxis do trabalho se encontra nesse fissurar das segmentações, em busca por construir Novas Terras. Os processos no capitalismo negam as multiplicidades. A relação **SOLIDATÁRIO** perpassa um pensar cósmico onde as propostas se realizam em respeito a essas multiplicidades. Os locais em que ocorrem as ações, espaços não formais,

não institucionalizados como espaços de arte, são des-  
reterritorializados junto aos espectadores transeuntes, que  
agenciam essa nova arquitetura urbana, deslocamentos do  
próprio transeunte enquanto artista, enquanto (co)criador,  
enquanto aquele que possui, dentro de uma relação social  
e micropolítica, potencialidade para engendrar novos  
discursos, estabelecer territorializações,  
reterritorializações e desterritorializações dos espaços-  
tempos e dos planos de segmentos que pertencem os  
discursos solidificados. As ações agenciam  
reterritorializações dos espaços da cidade, aproximando as  
relações entre os corpos e meio, entre sujeito e arte, entre  
arte e vida na busca por gestar novos mundos.